

Como transformar leitores infantis em autores?

Edna de Oliveira Freitas¹
Margareth dos Reis Lima Villalba²

Resumo

A escola, principalmente nas comunidades mais pobres, não tem conseguido, de maneira plenamente satisfatória, despertar o interesse dos alunos pela leitura e tampouco pela escrita. A grande maioria das crianças dessas comunidades não lê com interesse e regularidade e não consegue produzir textos coerentes, o que lhes prejudica a aprendizagem, impede o desenvolvimento intelectual e limita o imaginário. Esta comunicação visa compartilhar uma investigação em andamento sobre métodos que explorem as potencialidades dessas crianças, levando-as a ler mais e a produzir textos próprios.

Palavras-chave: Leitura. Estética da Recepção. Subjetividade. Produção de textos

Resumen

Principalmente en las comunidades más pobres, la escuela no ha podido, de manera plenamente satisfactoria, despertar el interés de los alumnos por la lectura y tampoco por la escritura. La gran mayoría de los niños de esas comunidades no leen con interés ni con regularidad y no son capaces de producir textos coherentes, lo cual perjudica su aprendizaje, impide su desarrollo intelectual y limita su imaginación. Esta comunicación tiene como objetivo compartir una investigación en andamiento sobre los métodos que exploran las potencialidades de estos niños, llevándolos a leer más y a producir sus propios textos.

Palavras-chave:

Lectura. Estética de la Recepción. Subjectividad. Producción de textos.

Introdução

Ainda não temos resposta à pergunta-título deste trabalho, contudo cremos estar no caminho, pois encetamos esta pesquisa há seis meses e já estamos percebendo alguns resultados. Este projeto está sendo desenvolvido junto aos “Roedores de Livros”, um grupo que realiza atividades de promoção da leitura literária, integrando narração de histórias, leituras de livre escolha pelas crianças, oficinas de artes e música, durante encontros semanais. Seu principal objetivo é promover o gosto e o hábito de leitura, junto a crianças, com o intuito final de formar cidadãos cientes dos valores morais, capazes de desenvolver uma leitura crítica do seu mundo. Os

¹ Licenciada em Letras. Integrante do Grupo de Pesquisa LER-UnB

² Psicopedagoga. Licenciada em Letras. Integrante do Grupo de pesquisa LER - UnB

Roedores de Livros iniciaram sua ação, em maio de 2006, junto à Biblioteca Comunitária T-Bone, na Asa Norte, em Brasília, por onde passaram 957 crianças entre 05 e 10 anos, de diferentes níveis sócio-culturais. Em 2007, transferiram suas atividades para a sede da ONG, Ação Cristã Pró-gente, uma instituição com mais de 30 anos, localizada em Ceilândia — uma das cidades mais pobres do Distrito Federal. Além de despertar o gosto pela leitura, oferecendo, às crianças, atividades educativas, aos sábados, e num horário em que a escola não as atende, os Roedores pretendem levar autores infantis para os encontros, produzir e distribuir um jornal com dicas culturais infantis e instalar uma biblioteca no local, possibilitando o empréstimo de livros e criando um ambiente para o convívio social. Os Roedores de Livros têm como Coordenadora Técnica a professora da rede pública, Ana Paula Bernardes.

Estamos integrando esse grupo, voluntariamente, com a intenção de pesquisar a metodologia mais adequada para a realização do projeto de transformar leitores infantis em autores de textos próprios, pois percebemos afinidade com os objetivos do grupo “Roedores”, daí, a parceria. Acreditamos, também, que muita coisa pode ser feita, muitas ações podem ser desenvolvidas com o intuito de levar a leitura àqueles que têm dificuldades de alcançá-la. Reconhecemos que esse trabalho não é inédito, pois há muitas iniciativas nesse campo, com objetivos semelhantes, contudo, o nosso desafio como pesquisadores, é executá-lo em uma área de grande risco, considerada de extrema pobreza e com crianças oriundas de escolas públicas. Acreditamos que esse trabalho possa ser instrumento de resgate de identidade e de construção de cidadania.

A população alvo deste projeto são crianças moradoras nas ruas próximas à referida ONG e conhecidas das líderes comunitárias. Essas líderes, que geralmente são pessoas vizinhas das casas onde as crianças moram, entram em contato com os pais, ou responsáveis pelas crianças, a fim de conseguir autorização para que elas possam participar do projeto. É de se destacar que as crianças chegam sozinhas. Vêm porque querem vir, desacompanhadas. E, no local, participam de atividades variadas voltadas para o objetivo de despertar-lhes o gosto pela leitura. Fazem isto através de oficinas, histórias contadas e cantadas e empréstimo de livros. Nessa dinâmica, a criança entra noutro mundo e percebemos que ela viaja nas histórias pelas páginas dos livros. Ouvem atentas, querem saber, fazem perguntas, interagem na contação de histórias.

Aprender a gostar de ler

É importante que a criança, desde a mais tenra idade, tenha a oportunidade de entrar em contato com livros, atraentes, coloridos, com belas ilustrações, e possa manipulá-los; no entanto esta não é a realidade de uma grande parcela de nossa população infantil. A situação de pobreza e, muitas das vezes de extrema miséria em que vivem, faz a família se preocupar apenas com a luta diária pela subsistência, em que não há lugar para o livro. Daí a sobremaneira importância de iniciativas que possam colocar o livro ao alcance das crianças mais carentes, a fim de despertar-lhes a curiosidade e o gosto pela maravilhosa aventura de ler. Segundo Maria Helena Martins (O que é leitura, 2006) “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.” E se esses indivíduos, futuros cidadãos, na acepção maior da palavra, não tiverem a oportunidade de interagir com o livro desde a infância, sua formação ficará prejudicada, pois

“a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.” (BETTELHEIM, p.12)

A escola, onde nossas crianças aprendem a ler e escrever, deveria ser o lugar de maior contato delas com livros que lhes ativassem a curiosidade e incentivassem a criatividade, tal fato, porém, nem sempre acontece. Muitas e muitas crianças têm, na escola, apenas contato com livros didáticos, livros do conteúdo daquilo que precisam reter, perdendo assim a possibilidade de evadir-se numa autêntica viagem em que as aventuras e os sonhos se realizam, ao mesmo tempo em que vão descobrindo o sentido de suas existências. E, mesmo quando a escola possui uma biblioteca bem montada, nem sempre consegue oferecer aos alunos a possibilidade de muitos momentos de leitura, com bibliotecárias eficientes e apaixonadas, constantemente envolvidas no preparo de um acolhimento caloroso e estimulante aos pequenos visitantes que por ali apareçam.

Ensinar a ler é diferente de ensinar a gostar de ler. Não se trata apenas de apresentar as letras à criança, mas sim de ensiná-la a desvendar os mistérios de um texto escrito. Ler é levar a criança ao encantamento pela palavra e à descoberta do mundo. Quando isso acontece, ela passa a perceber valores novos, a comparar aqueles que a sociedade lhe oferece e inicia um processo inconsciente de construção de identidade.

“A identidade pessoal é ao mesmo tempo produto da sociedade e produto da ação do próprio indivíduo. Se chega a essa consequência como resultado da compreensão da pessoa humana como um ser de história: a identidade pessoal se forma na confluência de uma série de forças sociais que operam sobre o indivíduo e diante das quais o indivíduo atua e se faz a si mesmo.” (Martín Baró, p. 123, apud González Rey, F. G. p.201)

Descobrir o prazer de ler/Estética da Recepção

Intuímos que a leitura, para ter significado, deve ser, antes de tudo, uma atividade prazerosa, por isso nas oficinas e na contação de histórias a dinâmica desenvolvida contempla, além do texto escrito, o brincar, a leitura de imagens e dos acontecimentos cotidianos, o que leva a criança ao mundo fantástico e criativo da imaginação. Por isso, chega o momento da escolha do livro para ser lido em casa. A criança vai até a estante e escolhe sua leitura. É admirável como isso acontece. A escolha do livro é um momento de decisão, de tomada de decisão. Nesse instante, se estabelece o contato da criança com o seu interior, pois, sozinha, depois de muito observar, ela pega um livro. O segundo momento é a alegria de mostrar à responsável pelos livros, a escolha feita. É visível a fisionomia de contentamento em cada criança, escolheu algo precioso, está levando um livro. A etapa seguinte é o encantamento pelas histórias que cada criança leva na sacola, castelos, princesas, monstros, heróis ... a criança leva o livro e toda a história, todo o mundo que cada livro encerra, e tem uma semana para viajar no mundo da leitura. Lembrando Jauss “o leitor é um “horizonte de expectativas” e é partindo dessa premissa que acreditamos que, nesse momento, as experiências pessoais e a história de vida de cada criança levam-na a fazer sua escolha. É um desafio essa iniciativa. Percebe-se algo de novo: liberdade. Liberdade gerando segurança, imprescindível num processo de construção de identidade do

sujeito. E aí um dos objetivos do projeto se concretiza, pois, nesse processo, sentimo-nos participantes na formação integral dessa criança.

A hora da escolha do livro tem sido a diferença, o divisor de águas do projeto, observamos que depois de alguns empréstimos, foi iniciada uma nova etapa. O retorno foi surpreendente. Muitas crianças querem contar a história que leram. Beatriz – não sabe ler ainda, lê as figuras; pede a alguém para ler para ela e, depois conta o que entendeu. Tiago – leu Pinóquio. Conta que *era um menino que mentia muito e sempre que mentia, seu nariz crescia, crescia. Depois que descobriu que o nariz crescia, sempre que ele mentia, ele foi parando, deixando de mentir e o nariz foi diminuindo, diminuindo, até ficar normal.* Lucas_ de 6 anos, pela terceira semana, leva o mesmo livro: A casa mal assombrada. Uma colega disse à responsável pelos livros o que estava acontecendo. A responsável perguntou por que sempre levava o mesmo livro: *porque eu gosto muito dele, de olhar as figuras.* Wendel, criança muito agitada, tornou-se colaborador na organização dos livros a serem emprestados. Mas o inesperado aconteceu: Néia – a pessoa responsável pela preparação do lanche. Num sábado, a responsável pelo empréstimo dos livros falou que ela também escolhesse um livro para ler. No primeiro instante, ela parou, como se não estivesse acreditando no que ouvira. Passado o impacto, correu a biblioteca e escolheu o livro “A cozinha da Maria farinha”. Ela disse que, quem sabe, *seria o nome de seu restaurante.* Esse foi um momento mágico. Segundo Jauss (p.87)

“a experiência estética não se esgota em um ver cognoscitivo (*aisthesis*) e em um conhecimento perceptivo (*anamnesis*): o espectador pode ser afetado pelo que se apresenta, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*).”

Com esses relatos, percebemos que os leitores, nesse caso, as crianças do projeto, estão sendo realmente afetadas, atingidas pela leitura, identificando-se muitas vezes com os personagens das histórias infantis, dando livre curso a suas potencialidades. O fato de as atividades serem realizadas de uma maneira lúdica e as crianças terem um tratamento individualizado, serem conhecidas pelo nome e terem uma equipe pedagógica inteiramente voltada para lhe dar atenção, cria um ambiente muito familiar e propício à aprendizagem, pois

“nem sempre a escola tem um olhar individualizado. Embora se costume dizer que as pessoas são únicas, deva-se atender às diferenças individuais e haja um movimento intenso em torno da inclusão do diferente na escola, a prática escolar, muitas vezes, fica aquém desse discurso.” (VILLALBA, M. R.L.p.10).

Por isso, acreditamos que os Roedores estejam proporcionando um espaço social importante e de significado para cada uma dessas crianças, caracterizando aquilo que Gonzalez Rey denomina de sentido subjetivo, a integridade dos processos simbólicos e emocionais que dão legitimidade a uma zona real para o sujeito.

Uma relação que cria significados é uma relação produtora de sentido; uma relação que pode levar ao desenvolvimento de vários aspectos da realidade. Assim o outro só é significativo na relação quando é portador de sentido subjetivo para o sujeito. Quando é capaz de produzir sentido que possa influenciar a personalidade do sujeito

ou transformar-se em uma fonte de produção de sentido fazendo com que a pessoa venha a converter-se em sujeito de seu próprio desenvolvimento. (VILLALBA, M. R.L. p. 14)

Estamos observando que esse espaço tem se notabilizado pelo acolhimento, a “proximidade amorosa”, como nos falava Larossa³, e está sendo capaz de produzir sentido para as crianças que dele participam, estabelecendo uma relação mais próxima entre elas e a equipe, pois em suas fisionomias vemos a alegria presente.

Transformando o leitor infantil em autor

Até agora, levar os livros escolhidos tem sido o ponto alto do projeto, pois as crianças já demonstram gostar de ler as histórias; sentimos que estão atraídas por essa possibilidade de leitura. Acreditamos que a próxima etapa, a de produção de textos, flua tão naturalmente quanto as outras, pois a criança contará o que leu e, ao verbalizar o que entendeu, já estará tomando posse da história, podendo reinventá-la e/ou, adaptá-la, inserindo-se nela, caracterizando-se como personagem, assumindo a autoria. Para atuarmos melhor nesse projeto, temos de levar em consideração o que nos diz a pedagogia sobre a criança nessa faixa etária e, por isto, fomos buscar em Piaget e Vygotsky as bases do desenvolvimento e da aprendizagem.

Aprendizagem e desenvolvimento são processos que estão inter-relacionados porque a aquisição de qualquer habilidade infantil envolve a mediação do adulto, e o processo de aprendizagem requer quem ensine e quem aprenda. Nossas crianças encontram-se na fase denominada operatório concreto, segundo o padrão denominado, por Piaget, de estágios do desenvolvimento. Nessa fase, ela desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, já sendo capaz de relacionar diferentes aspectos e fazer abstrações, dependendo da vivência que tenha. Nosso projeto pretende, justamente, oferecer à criança oportunidades para que ela desenvolva a capacidade de abstração, através de oficinas, em que ela contará as histórias lidas, primeiro oralmente e, em seguida por escrito. Mesmo quando a criança executa alguma tarefa com ajuda de um adulto ou de um colega mais velho ela já está demonstrando desenvolvimento. Isso é que Vygotsky denomina de “zona de desenvolvimento proximal”, a evidenciação do caráter orientador da aprendizagem com relação ao desenvolvimento cognitivo. Aquilo que uma criança só puder fazer com ajuda de outro, no futuro poderá fazer sozinha. Ora, é o que as nossas crianças vivenciarão nas oficinas e nos momentos de produção de textos.

Considerações finais/Agradecimento

No momento presente, só temos a agradecer aos Roedores de Livros, na pessoa de sua idealizadora, Ana Paula Bernardes, a possibilidade de podermos realizar esse projeto no seu espaço e com as crianças com quem eles trabalham. Temos a convicção de que suas atividades estão intimamente relacionadas com as nossas e, na realidade, são motivação para que

³ Conferência de Jorge Larossa no 16º COLE – “Carta aos leitores que vão nascer” - Campinas – São Paulo.

consigamos envolver as crianças e alcançarmos o objetivo de torná-las autores de textos. Objetivo que, em sua simplicidade, poderá vir a ser fator de resgate da auto-estima e elemento significativo na construção da identidade das crianças envolvidas. Os resultados positivos que esperamos alcançar com a concretização desse projeto, queira Deus, possam ser apresentados, num futuro próximo, e sirvam como subsídio para outras iniciativas de interesse social e de resgate da cidadania na construção de uma Humanidade mais feliz.

Bibliografia

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise nos contos de fadas*. 14ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 2000.366 p.

CASTORINA, José A. et al. O debate Piaget-Vygotsky. A busca de um critério para sua avaliação. In: GOLDFEDER, m. (Ed.) *Piaget - Vygotsky – Novas contribuições para o debate*. Congresso da Rede Latino Americana de Alfabetização,1993, Montevideu-Uruguai. 3ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1996, 09-50 p.

GONZÁLEZ REY,Fernando L. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural*.São Paulo. Pioneira Thomson Learning. 2003, 290 p.

JAUSS, Hans R. O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis in LIMA, Luiz C. (Org.) *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002. 85-103 p.

MARTINS, Maria H. *O que é leitura*.19ª ed. São Paulo. Editora Brasiliense. 2006. 93 p.

VILLALBA,M.R.L. *O Sujeito e a mediação simbólica específica* ou as rosas que criaram espinhos. Brasília. Relatório de atividades psicopedagógicas de campo. Universidade Católica de Brasília. 2004. Digitado.